

que compõem as quatro variações da *Antígona*, de António Sérgio. Trata-se de um trabalho sustentado num contínuo e dedicado labor do A. que soube esperar pela melhor oportunidade para dar à estampa esta valiosa edição crítica. Considero que se trata de um exemplo superior de como o trabalho permanente de investigação não se compadece com o imediatismo de resultados, nem com os indicadores bibliométricos que excluem as publicações em língua portuguesa, porque, além do prazer que determinado objeto de estudo tem o poder de suscitar, é imprescindível realizar uma árdua recolha de documentação, um aturado esforço de análise e de sistematização, que está, necessariamente, na base de um pensamento hermenêutico e crítico fundamentado e inovador.

Estamos, portanto, perante uma edição crítica que cumpre rigorosa e completamente a sua finalidade, que se impõe pela qualidade e rigor do trabalho de investigação empreendido e que apresenta o mérito singular de um estudioso que, nos últimos anos, se tem dedicado, apaixonadamente, à análise da receção do mito de Antígona, em geral, e à dramaturgia sergiana, em particular. Estou certa de que esta edição crítica constituirá um marco muito importante na História do Teatro Português do século XX.

**R. López Gregoris (Ed.). 2021. *Mujer y violencia en el teatro antiguo. Arquetipos de Grecia y Roma*. Madrid: Catara. ISBN: 978-84-1352-152-7. 144 pp.**

MARIA FERNANDA BRASETE<sup>9</sup> (CLLC, Universidade de Aveiro – CEHC-Universidade de Coimbra — Portugal)

Com este volume, que abre com um Prólogo da editora, seguido de cinco capítulos de filólogos clássicos espanhóis, aborda-se um tema que tem fomentado muitos debates e reflexões, mas que, apesar de centrado no antigo mundo greco-romano, é de grande interesse para uma visão diacrónica da violência exercida sobre a mulher, infelizmente uma realidade ainda muito presente no mundo de hoje. Trata-se, por isso, de um testemunho da inquestionável vitalidade dos estudos clássicos num tempo em que, como a escritora espanhola Irene Vallejo declarou, se está a incorrer na “loucura de esque-

---

DOI 10.34624/agora.v0i23.24502.

<sup>9</sup> mbrasete@ua.pt; Orcid ID: 0000-0001-6496-2311.

cer as línguas clássicas”, como se a Antiguidade Greco-romana se pudesse apagar da nossa memória cultural num ato de “autêntica barbárie” (C. Garcia Gual) que se propõe extinguir a aprendizagem do grego e do latim, a possibilidade de ler as importantes obras da Antiguidade no original, em suma, conduzir ao extermínio do cerne das Humanidades.

A obra em epígrafe contraria, precisamente, estas tendências atuais, ao proporcionar-nos uma análise acurada e bem fundamentada de como um tema tão antigo quanto transversal a todas as épocas, que foi tão explorado na antiga comédia ateniense (de Aristófanes e de Menandro), na comédia latina (de Plauto), em tragédias gregas que revelam a violência sexual sobre as mulheres em contexto bélico e até mesmo no célebre relato trágico da história de Dido, na *Eneida*, de Virgílio. A organização sequencial dos cinco ensaios não obedece a um critério temporal porque, como se refere no Prólogo, pretende-se conceder uma importância maior à comédia, uma vez que a questão da violência sobre as mulheres tem sido alvo de muitos estudos na tragédia ática. Esclarece a autora do Prólogo (também a editora do volume) que o propósito da obra “es poner el foco en la gente corriente (no tanto en las heroínas, fruto de um pensamento elitista) y en las formas habituales de violencia doméstica.” (p. 8).

No primeiro capítulo, intitulado “La violencia contra la mujer en la comedia ateniense: de Aristófanes a Menandro” (pp. 13-48), F. Ortega Villaro oferece-nos uma reflexão bem enquadrada e fundamentada sobre os diferentes modos como as figuras femininas aparecem caracterizadas em obras da Comédia Antiga e da Comédia Nova gregas. Os tópicos trazidos à colação são organizados por um critério cronológico. Depois de se equacionar de forma breve a questão da presença das mulheres na Comédia Antiga, o tema da violência é analisado fundamentalmente em duas peças aristofânicas (*Lisístrata*, *Paz*), se bem que se façam referências pontuais a outras obras do comediógrafo. Discute-se primeiramente, numa análise precisa e bem documentada, a vertente da violência simbólica “implícita e invisible, que actúa por medio del menosprecio y de la descalorización de lo femenino” (p. 19), tão enraizada na tradição cultural e literária da misoginia grega. Uma caricatura negativa do feminino adequava-se à principal finalidade da comédia (fazer rir um público composto por homens), pondo em evidência uma série

de defeitos relacionados com a lascívia, o consumo excessivo de vinho, a falta de moderação, a tendência para a bisbilhotice e a intriga, entre outros, por forma a representar o feminino como uma ameaça ao sistema patriarcal. Apesar de se referirem algumas virtudes (poucas), a mulher é retratada, por força da hipérbole, como um ser desprezível, num cenário de “irrealidade” (p.23). Em relação a outra forma de violência, de natureza física e sexual, entende a A. que, apesar de se tratar de um facto real na sociedade da época, na cena cômica os atos deploráveis exercidos sobre as mulheres tinham por intuito refletir a supremacia masculina, mesmo que, ficcionalmente, a mulher conseguisse tornar-se no género dominante (e.g. *Assembleia de Mulheres*). Na Comédia de Menandro (século V a.C.), a caracterização do feminino reflete, não só a evolução do género dramático, mas também as profundas alterações então sofridas pela pólis ateniense. Por isso, a mulher aparece enquadrada sobretudo no domínio doméstico, e repartida em dois grupos: as cidadãs e as não cidadãs. Aumenta, é certo, o número de figuras femininas na comédia, mas não são mais representadas de uma forma tão estereotipada, tendo em conta, em particular, as peças conservadas deste último comediógrafo grego. Entre as “cidadãs”, incluem-se as figuras de esposa, de viúva, de jovens núbeis, que, no entanto, desempenham um papel passivo muito próximo do que detinham na realidade. No grupo das “não cidadãs”, destacam-se as escravas, que são objeto de um tratamento mais positivo do que na Comédia Antiga, as meretrizes e as *heterai*. Também todas essas mulheres são objeto de violência simbólica (injúrias e acusações de luxúria) e física (expulsão de casa, obrigação de rapar a cabeça e violação), apesar do intuito mais moralizante da Comédia Nova. Ainda que exploradas como recurso dramático, as figuras femininas das peças de Menandro refletem também o pensamento de uma cultura patriarcal em que a mulher dependia da lei de *kyrieia*.

No capítulo 2 (“Mujer y violencia en la Comedia Plautina”, pp. 49-71), R. López Gregoris analisa as personagens femininas plautinas como “gente corriente” (p. 50), pese embora parta do princípio de que em causa estão figuras ficcionais. As “considerações prévias sobre a comédia plautina” (pp.-54-58) aparecem desenvolvidas em três tópicos principais, estruturalmente enraizados no género dramático e no pensamento e cultura romanos:

o do amor, o do discurso das personagens e o da ideologia patriarcal. Também nas peças de Plauto, a violência contra as mulheres é explorada como um fecundo recurso dramático, podendo mesmo pensar-se que “toda la comedia plautina es un canto de la violencia, fuera y dentro de la casa” (p. 63). Nesse sentido, a A. reparte a sua abordagem do tema da violência contra as figuras femininas por quatro domínios: o intrafamiliar; os atos de tortura exercidos sobre as escravas; o discurso verbal contra as esposas; a violência sexual; e, por último, aquela que é praticada em contexto extrafamiliar. No seio da *domus* as peças representam diferentes tipos de violência a que as mulheres estavam sujeitas (física, verbal, sexual), explorando, por um viés cómico, o discurso dos maridos contra as esposas. Mas na vida quotidiana fora da *domus*, a mulher era também um ser vulnerável exposto a diferentes atos de violências como é o caso de violação e de prostituição, subtemas a que a A. concede uma reflexão fundamentada. A conclusão a que a A. chega é a de que todos esses tipos de violência representados, nas comédias plautinas, contra as figuras femininas refletem “una forma de violencia institucional o legitimada, con una evidente función política para beneficio del varon en cada caso [...]” (p. 69).

A comédia plautina é também objeto de análise no capítulo 3 (“La violencia verbal contra las mujeres en las comedias de Plauto: ¿Una Forma de Humor?”, pp. 73-97), por L. Unceta Gómez. Mas, neste ensaio, a abordagem inclui uma vertente mais linguística, porque incide sobre a questão mais pragmática: a da “agressividade verbal contra as mulheres” (p.72), nas vinte e uma comédias mais bem conservadas do comediógrafo latino. Recordando o facto de que a denominada *comedia palliata* sofreu influências da Comédia Nova grega, o A. começa por advertir que, na leitura das peças de Plauto, não se pode partir do pressuposto de que elas refletem, com alguma fidelidade, “as características e o funcionamento da sociedade romana” (p. 73). Além disso, há que ter em consideração as convenções genológicas, além da questão da ficcionalidade.

Depois de se deter, brevemente, nalguns dos pressupostos teóricos do estudo da cortesia e da descortesia linguísticas, o A. procura demonstrar que, nas comédias de Plauto, o tema da violência (física ou verbal) detém outras funções que não se restringem a ser apenas “fonte de divertimento e de

comicidade” (p. 77). Privilegiando uma análise sociolinguística de passagens selecionadas das peças de Plauto, este estudo articula-se em quatro eixos temáticos aglutinadores: a relação da violência e da escravidão; a questão da misoginia e do abuso verbal contra as mulheres de vários estratos sociais; o da discussão conjugal; e o da ligação entre prostituição e violência. Da análise judiciosa de um número muito significativo de peças, o A. retira várias conclusões: na Roma Antiga, o discurso feminino, comparado com o masculino, regulava-se por um grau elevado de cortesia e, no caso das cortesãs plautinas, até se pode falar de “hipercortesia” (p. 94); a agressividade verbal dirigida a mulheres parte sempre dos homens, porque não se regista descortesia, e muito menos violência discursiva, entre as figuras femininas; a maior parte dos ataques que as mulheres sofrem não são somente verbais mas também sociais, que põem em causa princípios culturais de decência e de honra, pressupondo-se uma função “moralizante”. Ao interrogar-se sobre quais os eventuais destinatários dessas mensagens, o A. sugere que seriam principalmente “os jovens varões da elite que podiam encontrar nas comédias uma ‘instrução sentimental’ [...] ao serviço dos interesses dos homens, dos seus valores e das suas expetativas.” (p. 95).

A questão da violência na tragédia é também merecedora de uma atenção particular no ensaio de M. González González, intitulado “*Recuerdos del Bien y del Mal. Guerra e violencia en la tragédia ática*” (pp.98-112). O objetivo deste breve estudo é o de apresentar uma breve análise centrada numa perspectiva de género, já que o tema da violência contra as mulheres nas tragédias gregas tem sido um dos assuntos mais estudados, nos últimos anos. Assim, a primeira questão discutida é a da “violência contra as mulheres no contexto bélico” (pp. 99-104). Citando uma das maiores especialistas em estudos feministas sobre a “cultura da violência” na Antiguidade, N. S. Rabinowitz, a A. alerta para a necessidade de se contextualizar este tema, por forma a evitar que se projetem “ideias e conceitos modernos sobre as obras clássicas” (p. 99). Sobre a violência sexual em situações bélicas, um tema que recentemente tem atraído o interesse de alguns classicistas, a A. escolhe uma passagem coral da tragédia esquiliana *Sete contra Tebas* para ilustrar a ideia de que, muitas vezes, as traduções em línguas vernáculas tendem a suavizar um dos aspetos mais terríveis da guerra, os atos de violação sexual, que na

tragédia em apreço mais do que um “dano colateral” constitui uma “evidente arma de guerra”, um motivo que atravessa toda a peça e não se extingue com o final da guerra. (p. 104).

Na secção seguinte, intitulada “La tragedia como Terapia” defende-se a ideia de que, numa perspectiva de género, a violação de mulheres não tem sido um tema muito explorado, mas que a sua investigação tem de fundamentar-se em instrumentos filológicos e no conhecimento de edições críticas das obras e dos escólios antigos. A A. traz à colação ainda alguns estudos recentes sobre perspectivas diferentes das dos classicistas. Por exemplo, sobre o transtorno de stress pós-traumático, baseado na personagem de Aquiles, refere a obra do psiquiatra J. Clay (1994) e ainda um livro publicado por um outro psiquiatra, Shay (2002), que utiliza a figura de Odisseu para abordar o problema da integração social dos ex-combatentes. Estes dois psiquiatras, juntamente com o classicista David Konstan, publicaram, em 2014, uma coletânea de ensaios em que debatem a existência de PTSD na Antiga Grécia. Por último, evoca o projeto Queens of Syria que, em 2013, levou ao palco, num teatro de Amán, treze mulheres sírias, refugiadas na Jordânia, numa representação de *As Troianas*, de Eurípides. Nas breves conclusões que apresenta, a A. chama a atenção para a necessidade de as traduções contemporâneas dos textos antigos reproduzirem o mais fielmente possível a linguagem da violência e de assinalarem os atos de violência atrozes cometidos contra mulheres e crianças, utilizados na Antiguidade como arma de guerra e que se perpetuam no mundo atual.

O capítulo 5, intitulado “Infelix Dido, Reina de Cartago: Víctima Trágica del sistema patriarcal” (pp. 113-136), é um ensaio de R. Cortés Tovar que se centra numa passagem do célebre episódio de Dido e Eneias, que se estende entre os cantos I e II da *Eneida*, de Virgílio. Apesar de se tratar de um poema épico, o tom trágico desta narrativa tem sido realçado por vários estudiosos e, embora a personagem de Eneias não maltrate explicitamente Dido (nem mesmo a sua esposa Creúsa), o seu comportamento reflete características de um sistema patriarcal que exerce violência sobre as mulheres. À semelhança do que acontece com Creúsa, também a morte da rainha de Cartago se deve, em parte, a Eneias, se se concetualizar a causa da violência como estrutural. A A. procede a uma análise de várias passagens da primeira parte

da *Eneida*, centrada no destino trágico da figura da rainha de Cartago, a partir de uma hermenêutica alicerçada na dicotomia masculino vs. feminino, fundada num sistema patriarcal.

Uma vez que a Bibliografia é apresentada no final de cada capítulo, uma opção muito louvável e pedagógica, finaliza este volume um útil Índice Onomástico.

Trata-se, portanto, de uma coletânea de ensaios que reúne diferentes perspectivas de análise do tema da violência contra as mulheres, fundamentadas em obras de autores gregos e latinos de épocas distintas, muito adequado a quem estuda a Antiguidade Clássica, mas também a potenciais leitores não especialistas. Por vezes, sobressai uma certa superficialidade na abordagem de um ou outro tópico que é, no entanto, colmatada por indicações bibliográficas atualizadas e criteriosamente selecionadas. Saliente-se ainda, o enorme interesse de que se reveste esta publicação no domínio dos estudos clássicos, que nos propõe uma reflexão bem fundamentada, através de uma viagem ao passado, mas com o pensamento no mundo atual, sobre o tema da violência em geral, e contra as mulheres, em particular, que tem atravessado os tempos e que se perpetua na nossa contemporaneidade.